

My Oxford Year

Julia Whelan

Índice

[Índice](#)

[Dedicação](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo](#)

[Expressões de gratidão](#)

[PS: Insights, entrevistas e muito mais. . .*](#)

[Direitos autorais](#)

[Sobre o editor](#)

"A pure delight with unpredictable depths. . . . As fun and charming as it is powerful and wise. . . . This novel will stay with you long after you're done."
—Taylor Jenkins Reid, author of *The Seven Husbands of Evelyn Hugo*

JULIA WHELAN

MY
OXFORD
YEAR



A NOVEL

P.S.
INSIGHTS,
INTERVIEWS
& MORE...

índice

[Página de título](#)

[Dedicação](#)

[Epígrafe](#)

[Contente](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo](#)

[Expressões de gratidão](#)

[PS: Insights, entrevistas e muito mais. . .*](#)

[Sobre o autor](#)

[Sobre o livro](#)

[Continue lendo](#)

[Louvar](#)

[Direitos autorais](#)

[Sobre o editor](#)

MY
OXFORD
YEAR

A NOVEL

JULIA WHELAN

wm

WILLIAM MORROW

An Imprint of HarperCollinsPublishers

D

dedicação

Para aqueles que perdemos.

Principalmente os pais.

Particularmente o meu.

Epígrafe

Invejo você indo para Oxford: é o momento mais próspero da sua vida. Você vê as sombras das coisas em espelhos prateados. Mais tarde, você vê a cabeça da Górgona e sofre porque ela não te transforma em pedra.

Oscar Wilde, carta a Louis Wilkinson,

28 de dezembro de 1898

Contente

Cobrir

Página de título

Dedicação

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Epílogo

Epílogo

Expressões de gratidão

*PS: Insights, entrevistas e muito mais. . .**

Sobre o autor

PARA

perto do livro

Continue lendo

Louvar

Direitos autorais

PARA

perto do editor

Capítulo 1

Enquanto o tentilhão canta no galho do pomar

Na Inglaterra... agora!

Robert Browning, “Reflexões do Exterior”, 1845

Próximo !"

O funcionário da alfândega faz um sinal para a pessoa à minha frente, e eu me aproximo da grande linha vermelha, pisando distraidamente na fita ondulada e apoiando a mão no corrimão tubular reluzente. Aparentemente, não há cordas ajustáveis em Heathrow; essas linhas devem ser sempre longas se precisarem de demarcação permanente.

Meu telefone toca, e eu estava batendo na perna. Olho para a tela. Não sei o número.

"Alô?", respondo.

“É Eleanor Durrant?”

"Sim?"

"Este é Gavin Brookdale."

Meu primeiro pensamento foi que era um trote. Gavin Brookdale tinha acabado de renunciar ao cargo de chefe de gabinete da Casa Branca. Ele comandou todas as principais campanhas políticas dos últimos vinte anos. Ele é uma lenda. Ele é meu ídolo. Ele está me ligando?

"Olá?"

"Desculpe, eu... eu estou aqui", gaguejo. "Eu só-"

"Você já ouviu falar de Janet Wilkes?"

Já ouvi falar de Janet Wilkes? Ela é a senadora júnior da Flórida e uma candidata à presidência. Ela tem 45 anos, perdeu o marido há 12 anos no Afeganistão, criou três filhos com salário de professora enquanto, de alguma forma, conseguia cursar Direito, e então fez a campanha para o Senado mais impressionante que já vi. Ela também tem o namorado advogado de direitos humanos mais gato que já vi, mas isso não vem ao caso. Ela é uma esposa Estrela de Ouro que é uma incendiária progressista em questões sociais. Nunca vimos ninguém como ela no cenário nacional antes. O primeiro debate só acontece daqui a duas semanas, em 13 de outubro, mas os eleitores parecem adorá-la: ela está em terceiro lugar nas pesquisas entre 12 candidatos. O candidato número dois não está muito atrás na disputa; um caso de amantes abandonadas. O número um, no entanto, é o atual vice-presidente, George Hillerson, que Gavin Brookdale (se as fofocas de Washington forem precisas) detesta. Mesmo assim, nem mesmo o notoriamente volúvel Brookdale apoiaria um cavalo perdedor como Wilkes só para irritar o provável indicado. Pelo menos Gavin Brookdale gosta de vencer. "Claro que já ouvi falar dela."

Ela leu seu artigo na *The Atlantic*. Nós dois lemos. 'A Arte da Educação e a Morte do Eleitorado Americano Pensante'. Ficamos impressionados.

"Obrigada", digo efusivamente. "Era algo que eu sentia que faltava no discurso..."

"O que você escreveu era filosofia. Não era política."

Isso me deixa sem palavras. "Eu entendo por que você pensa isso, mas eu..."

"Não se preocupe, eu sei que você tem talento político. Sei que você venceu em Ohio para Janey Bennett. 138 para Carl Moseley. Você é uma jovem talentosa, Eleanor."

"Sr. Brookdale..."

"Me chame de Gavin."

"Então me chame de Ella. Ninguém me chama de Eleanor."

"Certo, Ella, você gostaria de ser a consultora educacional da campanha de Wilkes?"

Silêncio.

"Olá?"

"Sim!" balbucio. "É, claro! Ela é incrível..."

"Excelente. Venha ao meu escritório hoje e leremos para você."

Todo o ar sai do meu corpo. Parece que não consigo recuperá-lo. "Então... é o seguinte. Eu... estou na Inglaterra."

"Ok, quando você voltar."

"...Voltarei em junho."

Silêncio.

"Você é consultora lá?"

"Não, eu tenho um... Eu tenho um Rhodes e estou fazendo um..."

Gavin ri. "Eu era um Rhodie."

"Eu sei, senhor."

"Gavín".

"Gavín".

"O que você está estudando?"

"Língua e literatura inglesas de 1830 a 1914".

Derrota. "Por quê?"

"Porque eu quero?" Por que isso soa como uma pergunta?

"Você não precisa. O que importa é *conseguir* o Rhodes. Fazer isso é inútil, especialmente na literatura de 1830 a 1819 ou algo assim. A única razão pela qual você queria isso era para te ajudar a conseguir aquele emprego político que mudaria sua vida, certo?"

"Certo, eu te dou. Então vá para casa e vamos trabalhar."

"Próximo!"

Um agente da alfândega, impassível (com turbante e barba imponente), acena para que eu passe. Dou um passo além da fila, mas levanto o dedo para ele. Ele nem está olhando para mim. "Gavin, posso ligar para..."

"Ela vai ser a indicada, Ella. Vai ser a luta da minha vida, e preciso de todos os envolvidos, inclusive os dela, mas vamos conseguir."

Ele está delirando. Mas, meu Deus, e se ele estiver certo? Um arrepio de excitação percorre meu corpo.

"Gavin—"

"Escute, eu sempre apoiei o candidato vencedor, mas nunca apoiei alguém que eu pessoalmente e profundamente quisesse que vencesse."

"Sentiu minha falta?" Agora o agente da alfândega olha para mim.

Gavin ri do meu silêncio. "Não quero ter que te convencer se você não sente."

"Posso trabalhar daqui." Antes que ele possa argumentar, continuo: "Estarei disponível 24 horas por dia. Vou priorizar a Wilkes." Atrás de mim, um empresário inchado, com o rosto vermelho e cheirando a gim, se aproxima de mim. Eu o evito, agarrando o corrimão e dizendo ao telefone: "Tive dois empregos na faculdade, além de ser voluntário em escritórios regionais e coordenar várias candidaturas à Câmara Municipal. No ano passado, trabalhei em duas campanhas vencedoras para o Congresso."

ao mesmo tempo em que ajudava a moldar o orçamento educacional de Ohio. Certamente posso me referir a ele ao ler livros e escrever sobre eles de vez em quando."

"Perdi!", grita o agente da alfândega. "Desligue ou afaste-se." Levanto o dedo mais alto (como se a visibilidade fosse o problema) e afasto minha postura da fila.

"Qual é a sua data prevista para voltar para casa?", pergunta Gavin.

"11 de junho. Já tenho passagem. Assento 32A."

"Senti minha falta!" Tanto o agente da alfândega quanto o homem gritam para mim.

Olho para a linha vermelha entre meus pés caídos. "Gavin, estou dos dois lados do Atlântico Norte agora. Estou literalmente com um pé na Inglaterra e outro nos Estados Unidos, e se eu não desligar, eu..."

"Te ligo mais tarde."

Ele desconecta.

O que isso significa? O que devo fazer? Confusa, corro para o guichê da imigração e dou de cara com o agente severo. Abro meu melhor sorriso de concurso de beleza e falo no tom descontente e alegre que sei que ele espera: "Sinto muito, senhor. Minhas sinceras desculpas. Da minha mãe..."

"Passaporte." Ele não olhou mais para mim. Estou recebendo o tratamento passivo-agressivo agora. Entrego a ele meu novo passaporte, com as páginas em branco e sem carimbo. "Objetivo da visita?"

"Estudar."

"Quanto tempo você ficará no país?"

Faço uma pausa. Olho para a tela escura e inútil do meu celular. "Eu... eu não sei."

Agora ele olha para mim.

"Um ano", eu digo. Dane-se. "Um ano letivo."

"Onde?"

"Oxford." Dizer a palavra em voz alta elimina todo o resto. Meu sorriso se torna genuíno.

Ele me faz mais perguntas e acho que respondo, mas tudo o que consigo pensar é: *estou aqui. Isto Está mesmo acontecendo. Tudo está saindo conforme o planejado.*

Ele carimba meu passaporte, me devolve e levanta a mão para a fila.

"Próximo!"

revista *Seventeen* intitulado "Minha Experiência Única na Vida", e era um relato pessoal do ano de uma garota americana em Oxford. As aulas, os alunos, os parques, os pubs e até a lanchonete ("na foto, canto inferior esquerdo") pareciam outro mundo. Como passar por um buraco de minhoca para um universo onde as coisas eram organizadas, as pessoas eram dignas e os prédios eram mais antigos que o meu país inteiro. Acho que treze anos é uma idade importante.

na vida de toda garota, mas para mim, crescer no meio do nada, com uma família que havia se desfeito? Eu precisava de algo em que me agarrar. Eu precisava de inspiração.

Eu precisava de esperança. A garota que escreveu o artigo havia se transformado. Oxford havia aberto a vida dela, e eu estava convencida de que seria a chave para a minha.

Então eu fiz um plano: ir para Oxford.

Depois de passar por mais controles alfandegários, sigo as placas até o Terminal Rodoviário Central e encontro uma máquina de venda automática de bilhetes. O símbolo "£" na frente do valor parece muito mais bonito, mais civilizado e mais histórico do que o cifrão.

Americano, o que sempre me parece sugestivo demais. Como se fossem luzes neon sequenciais piscando acima de um clube de striptease. \$-\$-\$. GAROTAS! GAROTAS! GAROTAS!

A tela do quiosque me pergunta se eu quero uma passagem de volta com desconto (presumo que seja ida e volta), e eu hesito. Meu voo de volta para Washington parte em 11 de junho, apenas dezesseis horas após o término oficial do Trimestre da Trindade. Não tenho planos de retornar aos Estados Unidos antes disso; em vez disso, ficarei aqui para os dois feriados prolongados (em dezembro e março) e viajarei. Aliás, já tenho meu itinerário de dezembro planejado. Compro minha passagem de volta e depois caminho até um banco para esperar o próximo ônibus.

Meu telefone vibra e eu olho para baixo. Um e-mail da Fundação Rhodes me lembra da orientação de amanhã de manhã.

Por algum motivo, de todas as bolsas acadêmicas do mundo, a maioria das pessoas parece já ter ouvido falar da Rhodes. Não é a única bolsa de prestígio que posso conseguir, mas é a que eu queria. Todo ano, os Estados Unidos enviam trinta e dois dos seus nerds mais bem-sucedidos,

supercompetitivos, com ascensão social e benfeitores para Oxford. Ela é associada principalmente a gênios, figuras influentes e líderes globais. Deixe-me desmistificar isso: para conseguir uma Rhodes, você precisa ser um pouco desequilibrado. Você precisa ter um GPA estelar, se destacar em vários cursos, ser socialmente empreendedor, ter espírito de caridade e ser proficiente em esportes (embora a última vez que fiz algo remotamente esportivo eu tenha quebrado o dente da frente do Jimmy Brighton com uma bola de falta, então leve esse critério com cautela). Eu poderia ter buscado outras bolsas. Existem os Marshalls, os Fulbrights, os Watsons, mas os Rhodes são a minha turma. Eles são os planejadores.

O outro finalista selecionado do meu distrito (com especialização em matemática/economia/letras clássicas e arqueiro olímpico que descobriu que aplicar a teoria dos jogos a negociações com terroristas conhecidos torna as informações 147% mais confiáveis) me disse: "Estou trabalhando para obter uma medalha Rhodes desde o primeiro ano". Ao que respondi: "Eu também". Ele esclareceu: "Desde o ensino médio". Ao que respondi: "Eu também".

Embora Rhodes seja um bilhete dourado para Oxford, também é uma rede integrada e o veículo para o meu futuro político. Ela garante que pessoas que, de outra forma, me desprezariam (essa moça sem noção das plantações de soja de Ohio) olhem com mais seriedade para pessoas como Gavin Brookdale.

Perseguir as coisas do jeito que eu faço, sendo quem eu sou, alienou toda a minha cidade natal e a maior parte da minha família. Minha mãe não tinha ido para a faculdade, e meu pai abandonou os estudos depois de dois anos porque achava que era mais importante mudar o mundo do que aprender sobre ele, e lá estava eu, essa máquina de realizações que deixava todos ao meu redor vagamente desconfortáveis. *Ela acha que é melhor assim todos os outros* .

Sinceramente, não. Mas acho que sou melhor do que todo mundo, exceto meu pai, disse que eu era.

Acordo em pânico quando o ônibus em que embarquei em Heathrow para abruptamente, fazendo o livro no meu colo cair no chão. Apresso-me em pegá-lo e forço meus olhos sonolentos a apreciar a vista da janela do chão ao teto à minha frente. Escolhi o assento na fileira superior, na frente, com

querendo devorar cada cantinho do interior da Inglaterra a caminho de Oxford. Aí adormeci.

Atravessando a névoa na minha cabeça, olho para fora. Um ponto de ônibus sujo em frente a uma loja de celulares genéricos. Procuo uma placa de trânsito, tentando me orientar. Meu kit de informações da universidade me disse para descer no ponto Queens Lane, na High Street. Não pode ser isso. Olho para trás e não vejo ninguém no ônibus se mexendo para descer, então me acomodo no meu assento.

O ônibus volta a funcionar e eu respiro fundo, tentando acordar. Enfio o livro na mochila. Queria terminá-lo antes da minha primeira aula amanhã, mas não consigo me concentrar. Estava animada demais para comer ou dormir no avião. Meu estômago vazio e a noite em claro estão me cobrando. O jet lag está me cobrando. Os últimos doze anos lutando por este momento estão me cobrando.

No bolso do meu casaco, meu celular vibra. Pego-o e vejo o mesmo número de antes. Respiro fundo e respondo preventivamente: "Gavin, escuta, eu estava pensando, vamos fazer um período de experiência de, digamos, um mês, e se você achar que preciso, eu posso estar lá."

"Não há necessidade."

Minha garganta aperta. "Por favor, me dê 30 dias para provar que..."

"Está tudo bem. Consegui fazer funcionar. Só lembre-se de quem vem primeiro."

A euforia atravessa a névoa. Meu punho se fecha em sinal de vitória, e meu sorriso chega às têmporas. "Com certeza", digo com a minha voz mais profissional. "Muito obrigada por esta oportunidade. Você não vai se decepcionar."

"Eu sei disso. Foi por isso que te contratei. Qual é o seu salário? Para sua informação: sem dinheiro."

Nunca há dinheiro. Digo a ele o valor da taxa mesmo assim, e combinamos algo com que eu possa me contentar. Rhodes paga minha mensalidade e hospedagem, e eu também recebo uma pequena bolsa para minhas despesas de subsistência. Decido naquele momento que tudo o que Gavin me pagar irá diretamente para o meu orçamento de viagens.

"Agora vá", diz ele, "divirta-se. Você claramente mereceu. Tem um pub que você precisa visitar no centro da cidade. O Lawn. Veja onde um dos seus colegas bolsistas Rhodes, um jovem William Jefferson Clinton, 'não inalou'."

"Ah, entendi. Vai servir."

"Leve seu celular com você. Seu celular é um apêndice, não um acessório. Certo?"

Concordo com a cabeça, mesmo que ele não possa me ver. "Ok. É um plano." Assim que digo isso, o ônibus faz uma curva, e lá está ela:

Oxford.

Atrás de uma ponte pitoresca, a estreita rua de duas pistas continua até uma movimentada rua principal, ladeada de ambos os lados por prédios em uma mistura de estilos arquitetônicos, sem espaço para respirar entre eles. Como a multidão na linha de chegada de uma maratona, esses prédios me animam e me dão as boas-vindas à sua cidade. Alguns têm telhados inclinados de ardósia, outros, com ameias. Alguns dos prédios maiores têm enormes portas de madeira que parecem esculpidas no local, uma fusão atemporal de madeira e pedra que me tira o fôlego. Talvez essas portas levem a uma das 38 faculdades de Oxford?

Imaginar e sonhar com isso todos esses anos não lhe faz justiça.

Olho para o céu. Pontuando o horizonte, estão os topos de outros prédios antigos, altos pontos de pedra que margeiam a cidade como faróis.

"A cidade das torres dos sonhos", murmuro para mim mesmo.

"É mesmo", Gavin diz no meu ouvido. Eu tinha esquecido que ainda estava na linha.

garota da revista *Seventeen*, também era o sonho de outra pessoa.

Capítulo 2

Luz, que nunca faz você piscar;

Memória, que não traz dor;

Amor, quando, assim, você é amado novamente.

Qual é a melhor coisa do mundo?

—Algo fora do comum, eu acho.

Elizabeth Barrett Browning, "O Melhor do Mundo", 1862

Eu queria poder dizer que Oxford tem cheiro de pergaminho e canela ou algo poético, mas agora ela só tem cheiro de cidade: diesel de ônibus, asfalto molhado e o aroma de café torrado francês vindo do café do outro lado da rua.

As calçadas são estreitas na High Street, ladeadas por altos muros de pedra de um lado e meio-fios baixos e desgastados do outro. A estreiteza aumenta a aglomeração. Estudantes passam apressados, turistas se demoram, os primeiros incomodados com os segundos. Aqueles que falam inglês são quase tão incompreensíveis para mim quanto aqueles que não falam. Meu ouvido ainda não se ajustou ao sotaque, e os diálogos que passam me escapam completamente.

É apenas mais um dia em Oxford, mas para mim é mágico.

Enquanto o ônibus parte, pego minha bagagem e tento evitar uma família grande curvada sobre um mapa, com as vozes agitadas e os lábios estalando. Depois de um momento, a cabeça do pai se ergue e ele ergue o mapa no ar, fora do alcance, com a paciência se esgotando. "Ok, ok, desça agora, por favor? Vamos por aqui!"

Antes que eu consiga me afastar da família, um bando de bicicletas — um verdadeiro enxame — passa voando, roçando na minha bagagem e chicoteando meus cabelos. Os ciclistas vestem algum tipo de roupa esportiva (rúgbi, talvez?), cheirando a suor de criança e grama recém-cortada enquanto passam zunindo, gritando e berrando. Aparentemente, crianças são crianças em qualquer país. O último ciclista arranca o mapa da mão do pai, ergue-o vitorioso e grita: "*Et in Arcadia ego!*"

Oxford: onde até atletas falam latim.

NÃO HÁ NADA que eu possa fazer por Rhodes, em si. Não é um título ou um diploma em si. O que eu faço (ou deixo de fazer) em Oxford é entre mim e meu departamento acadêmico. Também, entre mim e minha universidade.

A faculdade à qual serei afiliado é Magdalen, que, por razões que desconheço, se pronuncia "sensata". Fundada em 1458, ela ostenta um grande salão, um parque de veados, uma torre sineira icônica, claustros medievais e aproximadamente 600 alunos. Não me inscrevi na Magdalen por algum motivo acadêmico muito ponderado; me inscrevi porque era a faculdade de Oscar Wilde.

Aproximo-me do portão, guiando cuidadosamente as pessoas para dentro e para fora, e carrego minha bagagem até um pórtico. À minha frente, do

outro lado de uma porta aberta em estilo gótico, vislumbro um pátio de paralelepípedos com um charmoso edifício de mansarda de três andares, cor de areia, ao longe. Nas lajes do pórtico, painéis sanduíche anunciam o horário de funcionamento da universidade e um tour pelas cozinhas do século XV. À minha esquerda, há quadros de avisos com portas de vidro, com avisos e lembretes.

postou aleatoriamente: "Você já pagou suas batalhas?" "Pegue todo o seu equipamento da faculdade!

Desconto para novos estudantes no Summer Eights na Broad, mostre seu cartão Bod."

"Você gostaria de uma bebida antes do primeiro show de Hilary em OKB? 8, sexta-feira da semana zero,

JCR." Ao ver as palavras escritas, percebo que o sotaque não é o único obstáculo. À minha direita, painéis de madeira e duas janelas de vidro arqueadas isolam uma espécie de escritório, como um banco do Velho Oeste implorando para ser preso.

Viro a esquina e vejo, atrás do vidro, um homem mais velho vestindo um suéter vermelho com pompons, uma camisa branca de colarinho e gravata. Ele está parado em frente a uma fotocopidora arcaica do tamanho de uma caminhonete, com os ombros curvados em desânimo, o pescoço comprido e a cabeça quase careca dando-lhe a aparência de uma tartaruga de Galápagos. Ele resmunga alguma coisa e chuta a parte inferior da máquina. Ela gira como um motor a jato e cospe lentamente folhas de papel verde.

"Olá!" eu grito.

"Posso ajudar?", ele pergunta, sem olhar para cima, folheando metodicamente outra pilha de papéis e, de vez em quando, lambendo o dedo.

"Eu..." Não ousou. "Fazendo check-in? Acho que sim?"

"Estudante?" ele pergunta.

"Sim. Sim."

"Novato?"

Não faço ideia do que ele acabou de dizer. "O quê?"

"Novato?"

Não respondo. Tenho medo de responder.

Ele finalmente ergue os olhos, exasperado, e percebo que ele estava contando os papéis e, além disso, que eu o interrompi. "Calouro. Você é calouro?"

"Sou estudante de pós-graduação. Mas estou lisonjeado, senhor."

Ele suspira. "Nome. Americano?" Ele conta novamente.

"Eleanor Durrán. Mas, por favor, me chame de Ella."

Ele não faz nada disso. Ele caminha até uma longa mesa de madeira e me entrega uma folha de papel e uma caneta. Eu olho para ela. É um contrato que diz que eu não posso incendiar meu quarto.

Eu assino. Ele desliza um envelope do tamanho de uma carta de baralho sobre o balcão, na minha direção, com minhas iniciais escritas na frente. Ele contorna a longa mesa e sai por uma porta lateral, indo em direção a uma parede de pequenos compartimentos, semelhantes aos de uma sala de aula de jardim de infância. Enquanto fala, ele dobra um pedaço de papel verde em cada buraco.

"Este é o seu Pidge. Confira diariamente as postagens. Você está na sala treze, escada quatro. Essa é a escada quatro do Swithun, claro. Normalmente não abrigamos estudantes de pós-graduação dentro de muros, mas há escassez de alojamentos para pós-graduação este ano. Além disso, descobri que os americanos gostam de ficar 'atrás de portas fechadas'. Tem algo a ver com aquele bruxo?"

"Harry Pott—"

As refeições ficam a seu critério. Temos um Salão Formal aos domingos, quartas e sextas-feiras. É obrigatório o uso de robe. Entre em uma tenda em Turl para um. A caldeira só será ligada no dia 15 de outubro; não haverá aquecimento até lá, então não peça. Você encontrará duas chaves no envelope; o cartão eletrônico permitirá o acesso às portas e a qualquer uma das salas públicas após o horário comercial; a outra é uma chave adequada para o seu quarto. É insubstituível. Não a perca.

Entendi talvez metade do que ele disse. "Obrigada. Qual é o seu nome?", pergunto.

Sua gola alta recua. "Hugh", ele rosna, virando-se para encarar os Pidges.

"Eu sou Ela."

"Já estabelecemos isso, Srta. Durrán."

"Bem", eu digo, agarrando a alça da minha mala, "acho que este é o começo de uma linda amizade, Hugh."

"De todos os bares de gim, Srta. Durrán", ele murmura. Mas consigo ver a sombra de um sorriso. Quer dizer, é relutante e tem um quê de enferrujado e sem uso, como uma bomba de bicicleta velha, mas está lá. "Você encontrará o quarto degrau do lado de fora do alojamento." Abro a boca para falar, mas ele continua: "Este é o alojamento, e você sairá por aquela porta, atravessará St. John's Court, virará à esquerda na Swithuns e passará, à sua esquerda, o primeiro degrau, e depois passará, também à sua esquerda, o segundo degrau, e se perseverar, invariavelmente chegará ao quarto degrau." Tento novamente, abrindo a boca para falar, mas ele continua habilmente: "Nesse ponto, seu quarto estará à esquerda do patamar mais alto, bem no topo."

As palavras "no topo" me fazem pensar. Mais uma vez, lembro que não comi nada desde que saí dos Estados Unidos.

"Hugh, você se importaria se eu deixasse minhas malas aqui e comprasse alguma coisa para comer primeiro?"

"Como desejar, Srta. Durrán."

"Serei rápido", garanto, mas Hugh volta a se concentrar na copiadora. "Alguma recomendação?"

"Muitas opções no topo."

A altura. Muito mais legal que a High Street.

Levo minha bolsa até a copiadora, tiro o livro da mochila, viro-me para sair e paro abruptamente. Um garoto coloca a cabeça para fora da entrada do abrigo e dá um passo hesitante para a frente. Ele se move como um rato. É gordinho na cintura e seu cabelo está penteado em dois leques espetados no topo da cabeça, parecendo orelhas. Ele parece o Gus Gus da *Cinderela*.

Eu estou tão cansado.

"Sim", Hugh responde bruscamente ao garoto, imediatamente impaciente.

Parece que ele quer fugir, mas diz: "Sim, uh, desculpe, senhor, estou indo para o quarto de Sebastian Melmoth?"

"De novo não", murmura Hugh. "Idiota chique." Não consigo evitar um sorriso. Alguém realmente disse "idiota chique" na vida real, em tempo real, bem na minha frente. Hugh então grita para o garoto: "Não fique aí parado, entre, entre." Gus Gus passa correndo por nós.

Enquanto Hugh balança a cabeça, eu caminho de volta para o High.

Virando à direita, volto pelo mesmo caminho, olhando para o relógio. Como se fosse um sinal, uma torre de relógio em algum lugar começa a soar cinco badaladas. Meus braços se arrepiam. Se eu não estivesse exausto, provavelmente começaria a chorar.

Olho para o outro lado da rua e paro.

Não acredito no que estou vendo. O pôster continua exatamente igual ao da revista.

A LOJA DE BATATAS FRITAS DE BACALHAU FELIZ.

Olho para a esquerda e me preparo para atravessar a rua, dando um passo para fora do meio-fio quando o som repentino de uma buzina me faz pular de volta para a calçada. Aperto meu livro contra o peito, impedindo meu coração de bater. Um conversível prateado clássico, como se tivesse saído de um filme de James Bond, passa zunindo e quase me atropela. Vejo o motorista.

desleixado, cujos longos cabelos castanhos balançam ao vento enquanto ele dirige. No banco do passageiro, uma mulher loira igualmente desgrehada pelo vento se vira para mim, com a boca escancarada numa risada surpresa, mas atrevida.

"Não tem graça!", quero gritar para eles, mas eles já passaram por mim. Quando meu coração volta a bater normalmente, respiro fundo e saio da calçada mais uma vez.

Desta vez, é preciso ter certeza de que você está com boa aparência.

Um pequeno sino toca quando entro no Happy Cod. O dono, um homem gordinho, de nariz vermelho, com uma toalha branca pendurada no ombro, olha para cima, alegre.

"Olá!"

O charmoso salão tem uma fileira de cabines de madeira de um lado e um balcão com bancos do outro. O homem está ao fundo, atrás de um pequeno balcão de atendimento. Há um banco ali também. Ele dá um tapinha no balcão em sinal de boas-vindas. "O que você quer?"

"Peixe com batatas fritas!"

"Já estamos subindo." Ele se vira para a fritadeira enquanto eu me acomodo, passando as mãos pela madeira velha e desgastada e me movimentando pelo chão. Assentos de vinil preto macio. Tudo é exatamente como eu imaginei. O cheiro é exatamente como eu imaginei. Até o dono é exatamente como eu imaginei.

"A propósito, é ela."

Ele se vira, limpa a mão cerimoniosamente com a toalha e a oferece para mim. "Simon."

Pego a mão dele e encontro seu aperto firme na minha. Ele sorri. "De onde você é, Ella?"

"Ohio, originalmente. Mas agora moro em Washington, D.C." Simon assente vagamente e apoia os cotovelos no balcão, olhando para o livro que coloquei ali.

É um exemplar raro de capa dura, encadernado com o tecido de linho que só reveste livros acadêmicos. Custou-me oitenta dólares no eBay; o preço desses livros é inversamente proporcional ao tamanho do seu público. Ele lê o título em voz alta, repassando cada palavra como se estivesse selecionando tomates maduros: "*O Enigma Vitoriano: Como a Poesia contemporânea moldou as políticas de gênero e sexualidade de 1837 a 1898*, por Roberta Styan." Ele me olha com dúvida.

"Isso é realmente fascinante", eu digo, e ele ri alto. "Não, estou fazendo mestrado."

Toco o nome do autor na capa. "Principalmente com a Professora Styan. Você a conhece?"

Simon balança a cabeça e a fritadeira apita. Ele se aproxima. "Ela é como uma divindade no mundo da crítica literária. A especialidade dela é Tennyson, que não é exatamente a minha área. De jeito nenhum, na verdade. Eu trabalho com política. Política americana. Mas este ano inteiro para mim foi sobre ultrapassar limites, explorar coisas novas e,

basicamente, subir de nível. Como pessoa?" Por que estou divagando? Por que parece que uma névoa se instalou na minha cabeça? Ah. Jet lag.

Simon embrulha toda a minha refeição num cone de papel pardo envolto em jornal e me oferece como um buquê de rosas. "Tradição", ele se gaba. "Alguns outros restaurantes usam recipientes de plástico para viagem. Isso me achata." Ele me entrega um prato de papel, dizendo "Para o molho", e aponta para um balcão cheio de condimentos na frente do restaurante. "Essa é a minha versão da tradição. Eu costumava vir aqui e pedir curry, ervilhas ou tártaro, e era só isso. Experimente. Prometa que não vai se decepcionar." Ele pisca.

Antes que ele pudesse responder, a campainha tocou, e Simon voltou sua atenção para a porta. "JD!"

ele exclama com um sorriso brilhante, abrindo o balcão articulado e caminhando em direção à entrada.

“Simon, bom homem”, responde uma voz masculina.

Concentro-me na perfeição culinária diante de mim. Deus, o cheiro. Dou uma mordida. Céus. Preciso me conter para não gemer.

Ouçó o homem dizer: "Dois peixes com batatas fritas e dois refrigerantes. Saúde." Sua voz é tão melodiosa, tão baixa e suave que é apropriado acompanhá-la com música coral.

Então, uma voz feminina diz: "Nada de batata frita para mim. E faça a minha de dieta."

Periféricamente, ouço-os se acomodando em uma mesa perto da porta quando Simon retorna. Dou outra mordida no peixe perfeitamente preparado e, desta vez, não consigo conter meu gemido. Simon, cuidando da fritadeira, me lança um sorriso por cima do ombro.

Ouçó a mulher atrás de mim murmurar: "Achei que você estava me levando para o melhor lugar de Oxford."

“E eu também”, diz o homem.

Tirando mais uma batata do cone, estou absorto tentando ler trechos das notícias e anúncios do jornal, mas a névoa continua se formando. Poucos minutos depois, Simon abre o balcão mais uma vez e se aproxima lentamente do casal, entregando-lhes as refeições. "Saúde", diz o homem, e

então, quando Simon retorna ao balcão, "Olha a batata! Tubérculo divino. Alimento básico dos deuses. Como te adoramos!"

"Eles te dão uma bunda gorda", responde a mulher.

"Não, não", argumenta o homem, "é o óleo. O óleo! Mas a culpa é da batata. É um absurdo, eu lhe asseguro." Ele ri. Ela não.

Simon me olha nos olhos e revira os seus. Eu revira os meus e sorrimos, companheiros de luta. Ele aponta para a estação de condimentos e sussurra: "Sério, experimente."

"É isso mesmo! Eu esqueci." Pego meu prato e vou até o balcão para examinar as várias opções.

Ouçõ o homem continuar: "Agora, os irlandeses! Eles sabiam o valor da batata. Você sabia que, quando os irlandeses foram privados da batata por apenas alguns anos, um milhão de pessoas morreram?"

Há uma pausa. "Por que eles simplesmente não comeram outra coisa?"

Minha mão bate na bomba de molho tártaro e a pasta grossa transborda do meu prato e respinga no balcão.

"O quê, tipo bolo?" o homem pergunta secamente.

"Claro", ela responde, imune ao sarcasmo.

Pego uma garrafa com o rótulo "*Molho Marrom*" (não é exatamente descritivo) e despejo no meu prato também. Depois, adiciono um pouco de mostarda, um pouco de maionese e algo que parece chutney, mas não tenho certeza. Sinto-me compelido a pegar um pouco de tudo, para não decepcionar Simon. O prato parece a paleta de um pintor.

Ouçõ a Voz Dourada vindo da cabine. "Por que você não comeu outra coisa?"

Ótima pergunta! Que comam bolo! Mas olha, eles já tinham ido embora. Nem um pedaço de bolo no país inteiro. Que horror. O que o Império queria dizer, hein?

O humor britânico seco em plena exibição. Sempre divertido, mas de alguma forma completamente desagradável. "Agora", ele continua, "aqui está uma refeição caseira para você."

Ela o interrompe, em voz baixa e ousada. "Prefiro aqueles brincos que vimos antes."

"Você vai ter que fazer mais do que coisas triviais para conseguir diamantes, querida", diz o babaca, casualmente. "Uma refeição caseira, se você puder me dizer o ano em que ocorreu a grande fome da batata. Você tem dez segundos. Dez. Nove. Oito..."

Percebo que estou ali, parado na névoa que se aproxima, ouvindo aquela conversa ridícula, deixando meu peixe com batatas fritas esfriar. Saindo dali, viro-me para voltar ao meu lugar e, de repente, me deparo com a Voz Dourada. Dois planetas colidindo. O prato inteiro de condimentos cai sobre o meu peito, e eu cambaleio, quase caindo. A mão de um cavalheiro se estende e agarra meu antebraço, me firmando. Minha outra mão agarra seu ombro.

Talvez ele não seja um idiota, afinal.

Eu me endireito e vejo a mulher com quem ele estava falando. Cabelos longos e loiros. Desgrenhada pelo vento. Boca aberta em um riso surpreso.

Meu olhar retorna para ele, no momento em que ele levanta a cabeça, com seu cabelo castanho desgrenhado.

Nossos olhares se encontram.

A neblina se dissipa e eu digo: "Você!"

Capítulo 3

Ele se senta em um belo salão,

Com centenas de livros na parede;

Beba muito Marsala,

Mas ele nunca fica bêbado.

Edward Lear, "Que prazer conhecer o Sr. Lear!", 1871

"**Eu** ?" ele pergunta, com um olhar de corça nos olhos.

"Você!" repito.

Ainda estamos frente a frente. Ele ainda segura meu antebraço, eu ainda seguro seu ombro. Estamos frente a frente, cara a cara, olho no olho, prato

no peito.

Seu olhar se ativa. Ele ganha vida. "Ok, ok, é isso que faremos, Simon?"

Ele grita, mas Simon já está tirando a toalha do ombro dele, e você a pega agilmente no ar. "Incline-se para a frente", ele me incentiva. Eu me curvo e ele tira o prato.

Observo a miríade de molhos caindo do meu peito no chão de linóleo, um Jackson Pollock pobre.

A loira ri.

Eu me levanto enquanto o homem coloca o prato no balcão e então se aproxima de mim com a toalha em direção ao meu peito.

Minha mão dispara. "Não. Eu cuido disso." Com as próprias mãos, esfrego a camisa como uma criança pintando com os dedos, piorando a situação dez vezes. A umidade começa a penetrar no tecido e atingir minha pele. Sinto que ele me olha. "O quê?"

Pergunto, toda calma contida.

"Nós nos conhecemos?"

"Você quase me atropelou com seu carro!"

"Foi você?"

Cerro o maxilar e mantenho a boca fechada.

"Posso... fazer isso?" o homem canta num tom que significa apenas uma coisa.

Eu congelo.

Não pode ser.

Eu olho para ele.

Ele é.

Ele está flertando comigo. Equilibrando a toalha, com um sorriso convencido e olhos brilhantes.

Minha cabeça explode. "Você está brincando comigo?"

"Eu nunca ousaria brincar sobre essas coisas", ele diz, encantado.

"Você está flertando? Você devia se desculpar!"

"Para flertar?"

"Por quase me atropelar!"

"Você está sugerindo que eu me desculpe por algo que não fiz de propósito? Prefiro me desculpar por flertar." Ele está sorrindo.

'V-você... é um idiota cheio de classe!'

"Ah. Que babaca elegante. Bela escolha de espondeu aliterativo. Ele ainda está sorrindo.

"Então você é americano. Bem, aqui está a única coisa que sei sobre os americanos: em

"As pessoas neste país tendem a ser atropeladas se caminharem diretamente na direção contrária do trânsito."

"Então a culpa é minha?!" eu grito.

"Outra coisa que sei sobre os americanos: eles tendem a gritar. Aqui." Ele enfia a mão no bolso e tira um maço de notas coloridas. Ele tira uma nota e me entrega.

"O que é isso?" Eu o vejo. Em silêncio.

"Especificamente? É uma nota de cinquenta libras.

"Eu não quero o seu dinheiro! Eu quero... eu quero..." O que eu quero? A névoa se adensa novamente.

"Ah, não fique tão indignado. Pegue. Você mesmo disse. Eu sou o babaca elegante."

Ele pega o dinheiro novamente. "O canalha sem emoção que, na ausência de qualquer remorso ou sentimento genuíno, só consegue comprar a consideração dos outros."

Aceno para a loira. "É assim que eu vejo."

Isso o surpreende. Seu rosto muda. O sorriso aberto, alegre e despreocupado desaparece, e uma cortina se fecha atrás de seus olhos. O

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "My Oxford Year"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).